



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA

A SENHORA LOUVA-A-DEUS

Por ANÃO SABICHÃO

Desenhos de A. CASTAÑÉ

A NDAVA eu a passear pelo campo, quando ouvi uns zumbidos atordoados de insectos em revolta.

E estes zumbidos zumbiam :

— «Abaixo a Louva-a-Deus! Abaixo a Louva-a-Deus! Abaixo a grande hipócrita! Morra!

Morra!»

Então, o mais alto que pude, gritei autoritário :

— «Que têm vocês contra a senhora Louva-a-Deus!... Um insecto de modos tão distintos, de tão lindas maneiras?!»

Numa atitude, cheia de arte, de mãos postas, a senhora Louva-a-Deus tomou logo a palavra, como se tivesse corda :

— «No mundo dos insectos não há mesmo nenhum mais distinto do que eu! Veja o senhor Anão Sabichão, os malcriados dos bichos de conta que, por dá cá aquela palha, se fazem logo numa bolinha! As cigarras,

mais os ralos, são uns ciganos, passando a vida a cantar, sem tomar nada a sério! As formigas, umas egoístas que só trabalham para o seu bem estar, sem se preocuparem com o dos outros! As vésperas, temíveis, por causa do seu ferrão peçonhento, os escaravelhos, uns porcalhões, com quem não se pode conviver! Os mosquitos, insuportáveis com aquela trombeteira quizilenta; as borboletas, fúteis e levianas, as mósas, aborrecidas e sujas; emfim de todos eles, quem é que merece sempre homenagens? Sou eu!

— «Não consentimos que essa maldizente nos vexa assim!» — tornaram a zumbir, indignadíssimos, os insectos, em coro.

— «Venha aqui o bezoiro e calem-se os outros! Será ele que vai explicar a razão porque assim é odiada a senhora Louva-a-Deus!» ordenei, para pôr còbro às rixas, entre tanto bichinho.

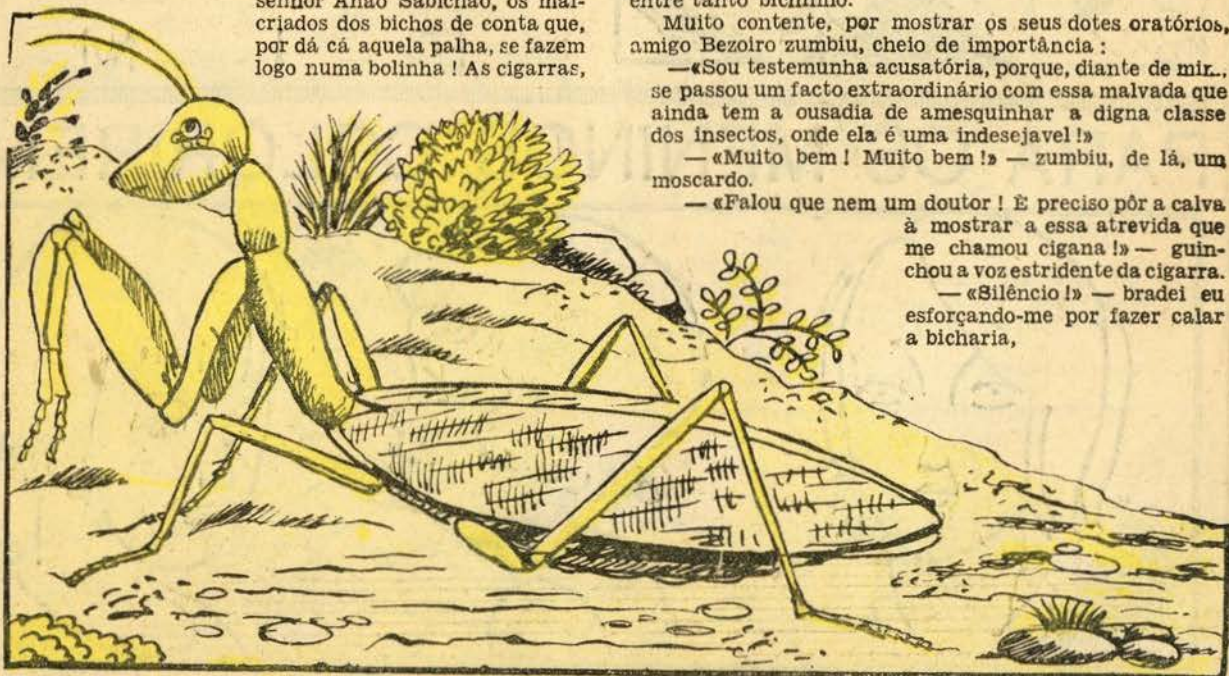
Muito contente, por mostrar os seus dotes oratórios, amigo Bezoiro zumbiu, cheio de importância :

— «Sou testemunha acusatória, porque, diante de mim, se passou um facto extraordinário com essa malvada que ainda tem a ousadia de amesquinhar a digna classe dos insectos, onde ela é uma indesejável!»

— «Muito bem! Muito bem!» — zumbiu, de lá, um moscardo.

— «Falou que nem um doutor! E preciso pôr a calva à mostrar a essa atrevida que me chamou cigana!» — guinchou a voz estridente da cigarra.

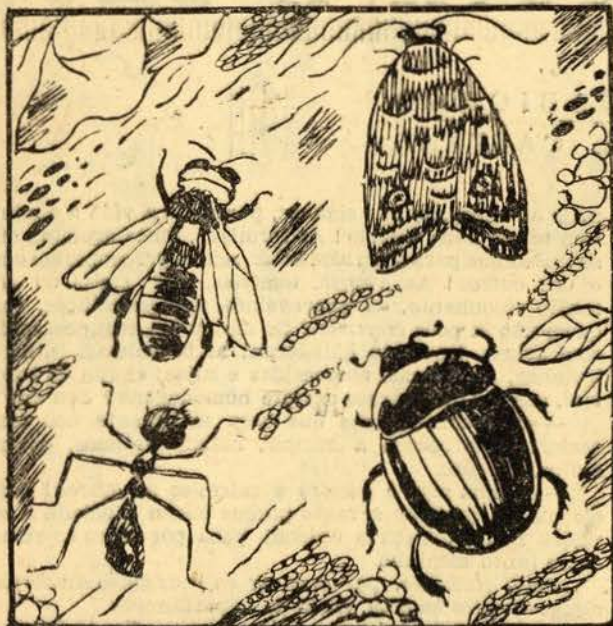
— «Silêncio!» — bradei eu esforçando-me por fazer calar a bicharia,



— «Pois como ia dizendo, — continuou o Bezoiro — a Louva-a-Deus conseguira criar fama de excelente senhora. Todos nós lhe perdoávamos a arrogância com que tratava a arraia miuda e até o próprio marido, quando, certo dia, constou que este desaparecera.

A bicharia,
em correria,
foi pelos prados,
p'los povoados
e, sempre em cata,
correu a mata,
os arvoredos,
mais os penedos,
passou ribeiras,
foi pelas eiras,
a procurar,
a indagar,
p'lo tal marido
desap'recido!

Tudo foi baldado!
Todos chorávamos a sorte daquela desgraçada
viuvinha!
Qual de nós havia de dar notícia tão dolorosa à
senhora Louva-a-Deus?
Olhávamos, cheios de comiserção, a hasta onde ela



balouçava o corpo airoso, dormindo um sono reparador. E nenhum bicho tentava acordá-la, com receio daquele despertar horrível!

Mas a borboleta azul reparou numa coisa estranha que a dorminhoca tinha pendurada na boca.

Intrigados, chegamo-nos todos e, então, quasi desmaiámos de horror! — Tanto gritámos que a senhora Louva-a-Deus despertou. Ao ver os olhos de tanta bicharia pregados nela, abriu a boca de espanto e o tal objecto, que lá estava pendurado, caiu.

Recuamos, espavoridos!

A megera comera o marido e, como ele era gordinho, no seu bucho não coubera aquela perna que ainda conservara na boca!

O ídolo, o exemplo do reino dos insectos, é esta fera sanguinária, amigc Anãozinho!»

— «Abaixo a hipócrita! Morra! Morra! Morra! Morra!» — tornaram a gritar os bicharocos.

Louva-a-Deus não teve mais remédio senão dar às asas e eu, para acalmar os ânimos exaltados dos bichos, larguei esta piada: — «Porque não lhe mudam vocês o nome, para de Louva-a-Deus passar a ser conhecida por Louva-o-Diabo?!»

F I M

PARA OS MENINOS COLORIREM



Grandes de Portugal

NOTAS BIOGRÁFICAS

Por MANUEL FERREIRA

PATRÃO LOPES

HUMILDE na História, o «patrão» Joaquim Lopes — (1800 — 1890) — foi, contudo, um Grande de Portugal.

Honrado, sincero e bom, foi o ídolo de todos que com ele conviviám.

Remador da falia do Bugio, conhecia todos os perigos do Tejo, que afrontava com rara heroicidade.

O seu primeiro acto de dedicação, em prol do seu semelhante, foi em 1823. Assistia, num lugarejo, na foz do rio de Ceiras, a uma festa religiosa.

O rio, naquele lugar, formava uma larga e funda lagóa. De repente, houve grande alarido entre a gente do povo. Um rapaz queria atravessar a lagóa, com uma criança às costas, mas, vendo-se em perigo, abandonou a criança, procurando salvar-se.

Então, Joaquim Lopes lançou-se à água, sem se despir e mergulhou. No meio do silêncio ansioso de todos, appareceu, pouco depois, segurando a criança com a mão esquerda e nadando, com a direita, para terra. Vendo o irmão da criança, quasi a afogar-se, Joaquim Lopes atirou-se, de novo, à lagóa e salvou-o. Tanta generosidade e coragem, comoveu toda a gente, que tri-

butou uma enorme manifestação ao intrépido marinheiro.

Quando uma onda, passado tempo, envolveu um soldado que passava dum monte de areia para a fortaleza do Bugio, todos bradaram:

— Venha o Joaquim Lopes!

Este logo surgiu e, entregando uma corda a um companheiro, atirou-se ao mar. Atou a cintura do soldado, disse aos da fortaleza que o içassem e salvou o homem da morte.

Quando morreu o «patrão» da falia, foi eleito Joaquim Lopes para esse cargo. Em 1856, numa fria noite de Fevereiro, uma escuna inglesa naufragou num baixo da barra. O mar estava bravissimo, mas quando as torres pediam socorro, já o marinheiro gritava aos remadores:

— Vamos salvar os nossos irmãos!

O mar é muito, mas os homens de coragem, tem tanta força como elle!

Porém, o barco não podia avançar. Os naufragos estavam num a agonia espantosa, aumentada por verem que a pequena falia não os podia salvar.

Mas o Patrão Lopes viu, rapidamente, o que se passava. Não se importou de arriscar mais uma vez a sua vida,

Trouxe a sua lancha de Paço de Arcos e quando chegou ao local do sinistro, já os infelizes lutavam com as ondas.

Os remadores hesitavam, mas elle dizia-lhes:

— Que é isto? Não é este mar, nem com o dobro da sua ferocidade, que nos há-de meter a pique. Ali está o perigo. Ali estão 12 horas de agonia, e dentro em pouco a morte, se lá não vamos! Avante, rapazes! Ou nós morremos todos ou salvamos aqueles desgraçados!



A sua voz obteve prodígios de bravura dos seus homens. E os infelizes foram salvos.

A Inglaterra, em face disto, condecorou o Patrão Lopes e os seus heróicos remadores. Foram estas as primeiras medalhas que Joaquim Lopes recebeu.

Num naufrágio, Joaquim Lopes tinha salvo grande parte dos tripulantes de um navio. E quando regressava, exausto, viu, ao longe, um vulto negro no mar.

— Homem que se afoga!

— Não é um homem. É um cão — respondeu um remador.

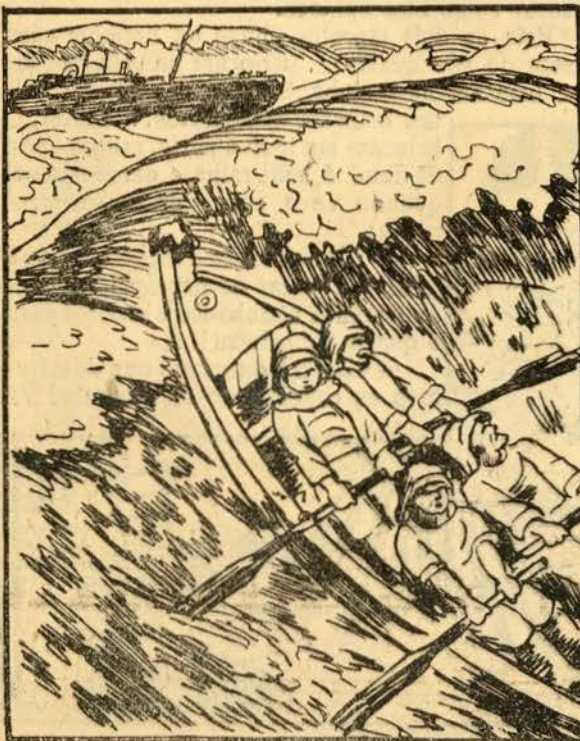
— É um cão — observa o Patrão Lopes — mas também tem vida e é o mais leal amigo do homem.

E, lançando-se no abismo, onde o mar rugia embravecido, salvou o cão...

A pouco e pouco, o marinheiro ganhou fama. O rude homem do mar tornava-se notável. O mar respeitava sempre o herói, porque talvez admirasse o seu esforço.

D. Luiz, o «rei popular», chamou o Patrão Lopes à sua presença e collocou-lhe, pelas suas próprias mãos, no gros-

(Continua na página 7)





ENTRE A ITÁLIA E A ABISSÍNIA

POR LEONOR DE CAMPOS

Desenhos de N. CASZANË

O Quim e o Zé são dois irmãos muito mauzinhos, que passam a vida a jogar à pancadaria.

Mas quando se trate de fazer uma tolice ou qualquer maldade... não há irmãos mais unidos!... Estão sempre prontos a ajudar-se mutuamente...

Mas, às vezes, as coisas não correm tão bem quanto eles desejariam. E assim, com frequência, lhes sucedem desgraças!... Querem que lhes conte uma delas?

Como vocês sabem, quási todas as pessoas que teem meninos, reservam, quando não há quintal, um determinado compartimento da casa, para eles brincarem. E é, na verdade, muito bem entendido, visto que, nesse compartimento, os meninos estarão perfeitamente à vontade e deixarão limpo e arrumado o resto da casa. Não lhes parece?

Ora a mãe do Quim e do Zé, é desta mesma opinião. E porisso eles são donos e senhores dum



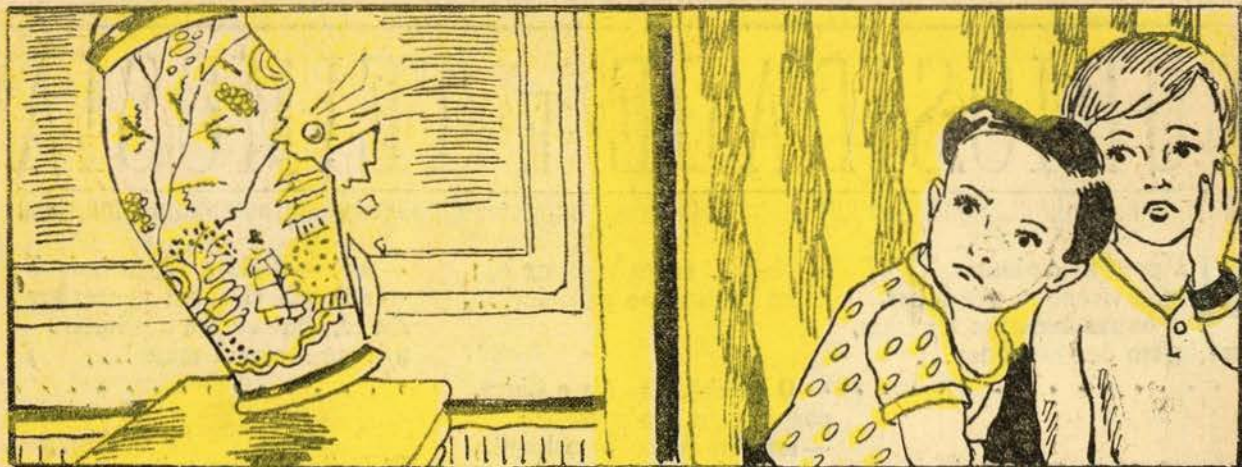
grande quarto, com duas janelas, onde podem brincar como lhes apetece.

Pois os dois marotos pouco ou nenhum caso fazem do seu quarto... Brincam na sala de jantar, brincam na cozinha, brincam na sala de visitas, brincam nos quartos... enfim... brincam em tôda a parte, menos onde deviam. A mãe ralha e desespera-se, quando vê a casa suja ou desarrumada:

— «Quim: então o menino encheu a sala de jantar de papeis?! Vá, imediatamente, apanhá-los e levá-los para o quarto de brincar!...»

— «Zé, foi o menino que desarrumou as cadeiras do meu quarto? Vá





já colocá-las no seu lugar!... E depois gire para o quarto de brincar!...»

Mas qual? Não conseguem nada! Os petizes estão dois minutos no quarto... e, ao fim desse tempo, correm a desarrumar e a estragar qualquer outro compartimento da casa. Ora...

Num dia destes, a mãe tinha que fazer umas compras. Antes de sair recomendou aos pequenos:

— «Os meninos vão para o quarto de brincar e não saiem de lá enquanto eu não voltar. Portem-se bem para que não tenha de zangar-me com vocês...»

— «Sim, mãizinha!» — responderam. E, efectivamente, meteram-se no quarto de brincar. Jogaram o eixo, jogaram o berlinde... até que, de repente, o Quim lembrou:

— «O Zé: e se nós fossemos brincar às guerras?...»



— «Valeu!...»

— «Vamos buscar todos os soldados, os de chumbo e os de papelão. Cada qual toma metade. Os berlindes são as balas. Tu és a Itália. Eu sou a Abissínia. E aquele que atira abaixo todos os soldados do outro, é que vence. Queres?»

— «Quero! Vamos a isso!...»

E começaram a dispôr os soldados em linha

de combate: Os do Quim dum lado; do outro lado os do Zé.

O Zé, que representava a Itália, estava com sorte, ou tinha a mão mais certa. De maneira que, em dado momento... *trr...* atirou abaixo o último soldado do Quim. Mas este não se deu por vencido:

— «Ora, ora!... Isto assim não vale. Aqui não há montanhas! Como pode a gente jogar como deve ser?!... Nem é guerra nem é nada!... Na sala de visitas é que se viam os valentes! Com aquelas almofadas todas que há pelo chão, não vencias tu com essa facilidade!...»

— «Ai não, meu caro!... — respondeu, muito importante, o Zé. — Tu julgas que eu sou algum bonifrates? Aqui ou em qualquer outra parte, ninguém me vence!...»

— «Basófias!...»

— «Ah sim? São basófias? Pois, então, vamos lá a vêr quem é o mais valente!... Leva os teus soldados, que eu levo os meus e vamos para a sala de visitas!...»

Daí a pouco, estavam instaladas as tropas na sala de visitas. Os soldados, abrigados por detrás das almofadas e dos pés das cadeiras, estavam realmente muito mais protegidos do que no quarto de brincar...

Principiou a batalha!... Os projecteis choviam, atirados com alma!... Um aqui, outro acolá, mais além outro, os soldados iam caindo pouco a pouco. E... como no quarto de brincar, os do Quim eram os mais sacrificados. Porisso este estava desesperado. Atira os berlindes à doida...

De súbito, uma das balas desvia-se da sua trajectória... E, batendo com força numa linda jarra chinesa, que estava sobre o piano, racha-a de meio a meio.

Para cúmulo da infelicidade, a mãe chegava, neste momento, da rua. Sentindo o barulho da loiça quebrada, corre à sala de visitas. Ao deparar-se-lhe o campo de batalha, estaca, surpreendida, sem poder articular palavra.

Mas o Zé, feliz com a sua vitória sobre as forças abissínicas e inocente do crime de partir a jarra, levanta-se, muito à vontade, e tenta explicar:

(Continua na página 7)

CURIOSIDADE E TEIMOSIA

HA pessoas curiosas que vivem só p'ra saber, e outras, bastante teimosas, que fogem de responder...

Há dias, certa senhora, que gosta de saber tudo, viu o Chiquinho na rua, e perguntou ao miúdo:

— Como se chama o menino, que tão apressado vai?

— O meu nome é, tal e qual, igualzinho ao do meu pai!

— E' natural! — a senhora respondeu, num sorrizinho.

— Mas... então, diga-me cá: como se chama o paizinho?...

— O paizinho, — diz o Chico, como quem não percebeu — tem um nome bem bonito, tal e qual igual ao meu!...

Não desistiu a senhora, ao ver que o Chico é manhoso, e perguntou, novamente, como faz todo o teimoso:

— O que eu queria saber, (eu não me soube explicar!) — é o nome que lhe dão, quando o chamam p'ra jantar!

— Ah! — disse o Chico brégeois — não me chamam concerteza! Eu cá, sou sempre o primeiro a ir-me sentar à mesa!...

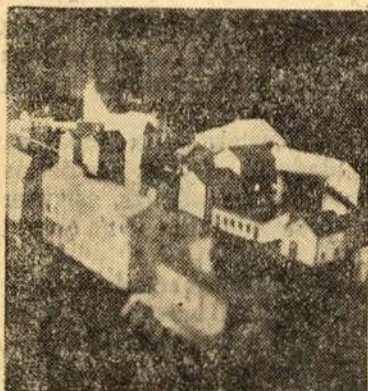
E' fácil ver o conceito d'este conto, na verdade, em que se põe em confronto teimosia e curiosidade.

«Quem quer que tenha um defeito, logo encontra pela frente, um outro qualquer sujeito com um defeito dif'rente!...»

ANIBAL

F I M

UMA VILA



VILA NOVA DA ALEGRIA

A VILA MAIS BELA DO FAMOSO

Pimpampúndia é o nome dum império ultra-civilizado que, como é sabido, tem como soberano o grande Pim Pam Pum 1.º, cognominado o Sapiientíssimo.

Numa das muitas viagens que fez através do seu formoso reino, Sua Magestade Imperial descobriu uma região encantadora que, por um singular capricho da Natureza, tinha a configuração absolutamente exacta duma autêntica *mêsa de pinho*.



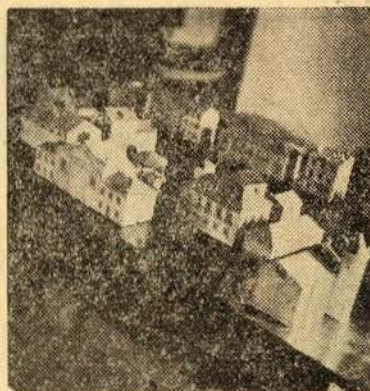
A menina

MARIA EMÍLIA MIRANDA P. MACHADO
3.º PRÊMIO

Encantado com a paisagem e com as belezas da região, o Imperador Pim Pam Pum chamou os architectos mais famosos do seu reino e ordenou-lhes que constituíssem uma vila moderníssima nêsse maravilhoso local.

Milhares de artistas e operários trabalharam nessa obra grandiosa e, poucas semanas decorridas, o Imperador teve o prazer de presidir pessoalmente aos imponentes festejos da fundação da linda vila que êle mesmo denominou *Vila Nova da Alegria*.

COMPLETA



VILA NOVA DA ALEGRIA

IMPÉRIO DA "PIMPAMPÚNDIA"

As fotografias que formam esta página dão uma pálida idea desta vila encantadora que, a pesar de não ter mais do que uma rua — a Avenida da Felicidade — e duas praças — o Largo do Bemaventurança e o Terreiro da Boa Disposição —, é a estância de repouso favorita de Sua Magestade o Imperador Pim Pam Pum e de toda a sua faustosíssima corte. Para se avaliar o

(Continua na página 7)

GRANDES DE PORTUGAL

PARA OS MENINOS COLORIREM

PATRAO LOPES

(Continuado da página 3)

seiro fato de marítimo, o hábito da Torre e Espada, apertando, comovido, a mão calosa do destemido homem do mar...

Contudo, o heroico Joaquim Lopes vivia nas piores circunstâncias. Os jornais começaram a protestar contra o facto de se desprezar um homem de tal valia. Então, Joaquim Lopes declarou no «Jornal do Comércio» que «quem bem ou mal vive do seu trabalho, não estende a mão à esmola das multidões e que os peitos onde se abriga o amor do próximo, são grandes demais para albergarem sentimentos mesquinhos». Todavia, passados tempos, foi-lhe votada uma pensão e o posto de 2.º tenente da Marinha.

O seu funeral foi uma manifestação pública de quanto aquele velhinho era apreciado pela sua bondade. Acompanharam o préstito do humilde homem do mar, o ministro da Marinha, o marquês da Fronteira, o duque de Palmela, realizando-se um imponente cortejo marítimo, no qual D. Carlos I encorporou o seu chiáte.



ENTRE A ITALIA E A ABISSINIA PIMPAMPÚNDIA

(Continuado da página 5)

(Continuado da página 6)

— «Não vê a mãe que eu sou a Itália, o Quim é a Abissínia...»

— «... e eu sou a Inglaterra»

— terminou a mãe. E agarrando numa escôva, sem pedir licença à Sociedade das Nações... zás! trás! pás!... tantas deu na Abissínia como na Itália!...

Veremos se, daqui para o futuro, o Quim e o Zé passam a ter mais juizinho!...

que é o luxo de Vila Nova da Alegria, basta dizer-se que nesta povoação não há uma única rua que esteja *envernizada!*...

Os habitantes da vila, gratos ao seu adorador Imperador, erigiram-lhe há pouco, no Terreiro da Boa Disposição, uma estátua monumental.

Agora, meus meninos, vêde que há humildes, que são, ao mesmo tempo, vultos de extraordinário valor. Por esta biografia, concluímos que a nossa História é, toda ela, uma descrição maravilhosa, onde se encontram heróis que, ao mesmo tempo, são homens bons, sempre prontos a sacrificarem-se pelo bem da Humanidade!

F I M

F I M

F I M

L I Ç Ã O D E D E S E N H O



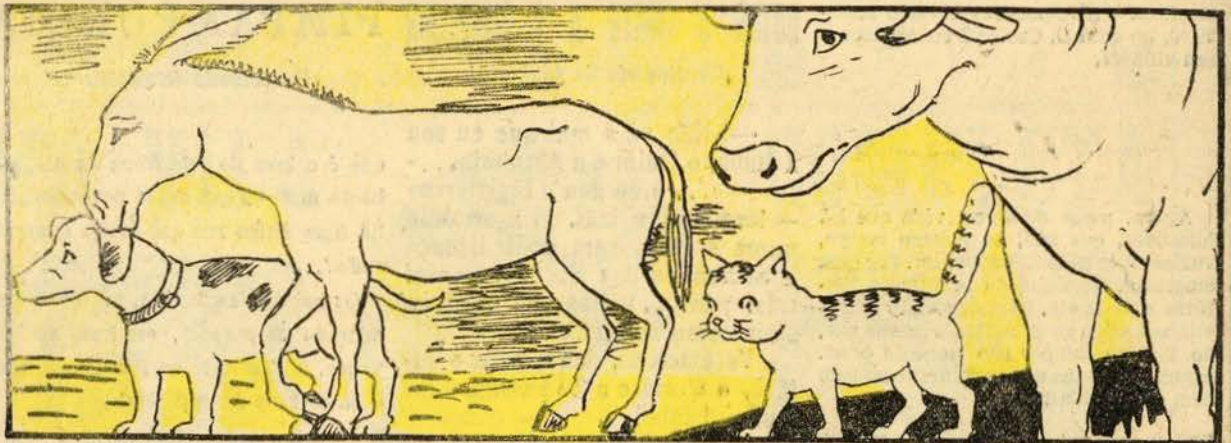
Como se desenha um menino a vêr as estampas dum livro

A RESPOSTA INGÊNUA DO ZÉZINHO



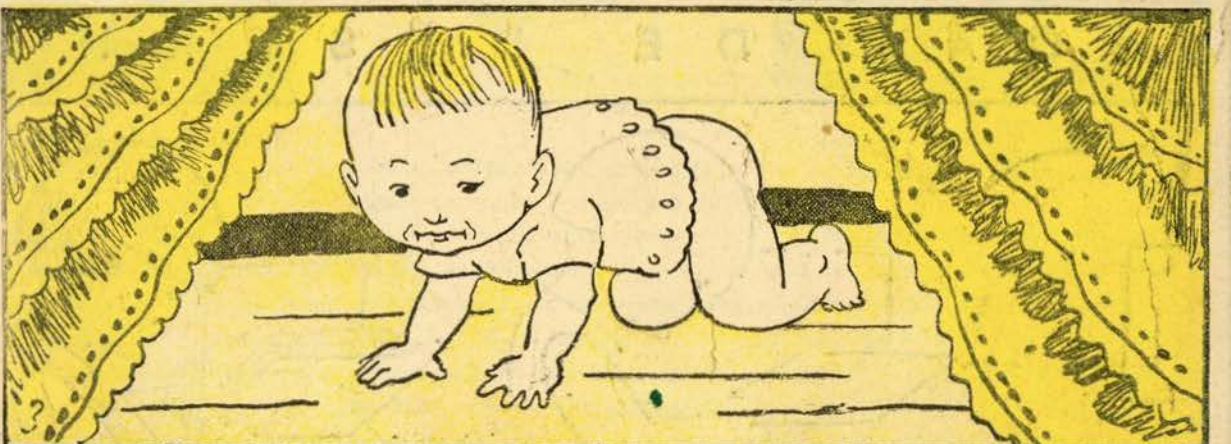
—«Um quadrúpede, o que é?»
 perguntava, um destes dias,
 ao pequenino José,
 o mestre escola Tobias.

Mas como o nosso Zézinho
 não sabia o que significa,
 pois inda é muito novinho,
 mestre Tobias explica:



—«Um quadrúpede, ouve bem
 é o ser da criação
 que quatro patinhas tem
 e anda com elas no chão.»

Mas como o nosso Zézinho
 nada responde, embuchado,
 o mestre ajuda:— « um porquinho,
 um leão ou um veado.



Os bois que puxam a nora...
 o burro, o cavalo, o cão...
 Mostra-me um exemplo, agora,
 dum quadrúpede; atenção!

Vamos.. um tigre, um bichano...
 Animal com quatro patas ?!
 Responde o Zé:— «O meu mano
 que anda, sômente, de gatas.